

ENERGIA

A nova indústria do vento

O Governo vai cobrar: os próximos projectos de parques eólicos, que envolvem um investimento de cerca de 600 milhões de euros, deverão estimular a indústria nacional. Já era tempo...

Por Patricia Jota

O Governo está disposto a impulsionar a construção de parques eólicos em Portugal. A prova mais recente disto foi dada há cerca de dez dias, quando oficializou 20 contratos de apoio a projectos de centrais eólicas. Em números, isso significa 43 milhões de euros. Um incentivo de quase 16% em relação ao custo total desses projectos: mais de 273 milhões de euros. Na verdade, estes contratos envolvem tanto parques eólicos recém-inaugurados como alguns que entrarão em funcionamento e outros que ainda serão construídos. Somados representam um reforço de 244,45 MW – 6,5% dos 3750 MW, o total de energia eólica que o país prometeu gerar daqui a seis anos.

Em Portugal há **660** aerogeradores. Destes **385** já estão a trabalhar a favor do vento e **275** devem começar em breve

Verdade seja dita, as boas notícias que os ventos nos trazem têm a ver com os compromissos assumidos perante Bruxelas para reduzir as emissões de

gás carbónico. Até 2010 Portugal deverá consumir 13% da electricidade anual em energia eólica. Hoje este valor está nuns míseros 1,1%. Será o recurso renovável que levará a maior fatia do total dos investimentos previstos – de 4000 a 5000 milhões de euros dos 6000 a

7500 milhões de euros destinados às fontes limpas. “As energias renováveis há muito que deixaram de ser encaradas como uma mera curiosidade... São hoje consideradas como uma área de negócio atractiva”, concluiu o secretário de Estado adjunto do ministro da Economia,

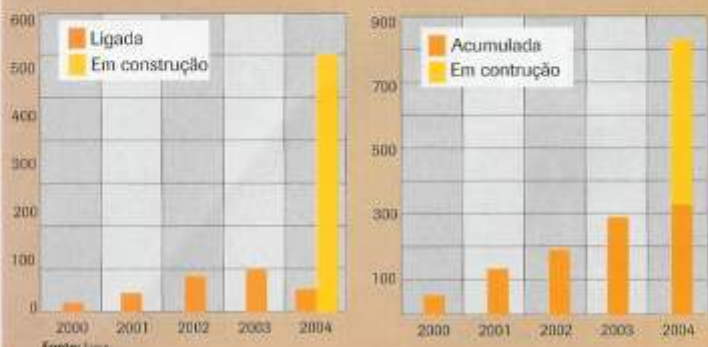
O NEGÓCIO DOS PARQUES EÓLICOS

1. Uma empresa promotora faz estudos de avaliação sobre o potencial de um terreno para a produção de energia eólica. Se a “previsão do tempo” indicar vento forte, desenvolve um projecto que é apresentado à Direcção-Geral de Geologia e Energia

>>>



OS MEGAWATTS ANO A ANO... E O TOTAL



Franquelim Alves, durante a cerimónia de assinatura dos contratos.

MAIS VALOR EM PORTUGAL

“Há actualmente 370 MW, distribuídos por 30 a 35 parques eólicos”, calcula António Sá da Costa, presidente da Associação Portuguesa de Produtores Independentes de Energia Eléctrica de Fontes Renováveis (APREN). “Mais de 400 MW estão em construção.” Outros cerca de 2400 MW, o Governo ou licenciou ou está a avaliar. Pela matemática, sobram a volta de 500 MW de potência que ainda precisam ser atribuídos pelo Executivo. São MegaWatts valiosos. Explica-se: o Governo anunciou que realizará até ao final deste semestre um concurso público para a atribuição desse valor remanescente, o que é inédito. Até agora, os promotores procuravam a Direcção-Geral de Geologia e Energia individualmente. Com isso, a intenção do Ministério da Economia é declarada: forçar os *players*

se concentra cerca de 70% da cadeia de valor.

A discussão é oportuna. Veja o exemplo espanhol. *Nuestros hermanos* alinharam o processo de concessão de licenças de parques eólicos ao desenvolvimento de uma indústria própria. Resultado: hoje está na dianteira europeia, ao lado de Dinamarca e Alemanha. Em Portugal não existe nenhuma unidade de fabrico de componentes e montagem de aerogeradores. Este nobre serviço é prestado por empresas estrangeiras. Duas delas, a alemã Enercon, e a dinamarquesa Vestas, ocupam 53% do nosso mercado. A participação da indústria portuguesa nos parques nacionais resume-se à construção civil, às infra-estruturas eléctricas e

a dinamizar a indústria ao redor, principalmente a que envolve o fabrico de aerogeradores – aquelas peças gigantes que decoram os parques eólicos e onde

ao fornecimento das torres dos aerogeradores. “Representa 35% do custo total de um parque”, indicou à MaisValia Álvaro Rodrigues, coordenador científico da unidade de energia eólica do Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial (Inegi). “A instalação de alguma capacidade de assemblagem e o fabrico de outros componentes de grande valor, como é o caso das pás, aumentaria esta percentagem”, afirmou Rodrigues num recente simpósio. “Os 500 MW somados a outros que já foram atribuídos, mas não construídos, podem atrair os fabricantes internacionais”, aponta o investigador. “Eu penso que o mais interessante é criarmos uma indústria de manutenção”, opina António Sá da Costa. E justifica: “Um aerogerador leva seis meses para ser fabricado. Depois, é preciso mantê-lo por 20 anos.” Esse serviço costuma ser feito por técnicos estrangeiros, enviados pelos fabricantes, mas em Portugal já há gente qualificada. Porque não certificá-los? Ideias não faltam para fazer com que a actuação de Portugal vá além da de mero importador de tecnologia

59% DO MERCADO NA MÃO DE TRÊS

Enersis	31%
Enernova	16%
RES	12%
SIIF	7%
Generg	6%
Finerg	6%
Enervento	4%
Energiekontor	3%
Eólica do Alvão	3%
Energia Verde	2%
Outros	10%

Fonte: Inegi / Partes ligadas à rede, em construção e adjudicadas

alheia. Resta aos promotores proporem soluções, com a bênção do Governo.

patriciayota@maisvalia.com

2. O projecto passa por avaliações, entre elas ambiental, até conseguir a licença e os pontos de interligação com a rede eléctrica. Essa etapa é demorada: pode durar de três a seis anos. Mas o Governo já prometeu agilizá-la, afinal, até 2010 resta-nos pouco mais de cinco anos.

3. Tudo aprovado, tenta-se conseguir financiamento para a construção do parque eólico.

4. Para a construção em si há dois caminhos: a empresa responsabiliza-se pela implementação, contratando os parceiros: construtora, empreiteiros, técnicos de electricidade, fornecedores estrangeiros de aerogeradores (o coração dos parques eólicos e, portanto, onde se concentra o seu maior valor). Ou opta por um projecto chave na mão. Seja qual for a escolha, exige-se concurso público. A construção em si leva de seis meses a um ano.